

Nº 06 - Agosto de 2020



RUMMO

EXÉRCITO
DE
SALVAÇÃO



FÉ
em Tempos de Pandemia



RUMO

Expediente: Nº 06 - Agosto de 2020
Editor: Cristiano Araújo - Major
Capa e Diagramação: Catharine Freire

.....
A Revista RUMO é uma publicação do
Exército de Salvação - Território do Brasil
.....

Fundador: **William Booth**
Presidente Mundial: **Brian Peddle**
Presidente Nacional: **S. Edward Horwood**
.....

Quartel Nacional: Rua Juá, 264
Bosque da Saúde - 04138-020
Caixa Postal 46.036 - Ag. Saúde
04045-970 - São Paulo/SP - Brasil
Tel. (11) 5591 7074 / Fax: (11) 5591 7079
E-mail da redação:
redacao@bra.salvationarmy.org
Site: www.exercitodesalvacao.org.br

Declaração Internacional de Missão:

"O Exército de Salvação, um movimento internacional, é um ramo da Igreja Cristã. Sua mensagem é baseada na Bíblia. Seu ministério é motivado pelo amor a Deus. Sua missão é pregar o Evangelho de Jesus Cristo e suprir as necessidades humanas em Seu nome sem discriminação."

Declaração Nacional de Missão:

"O Exército de Salvação existe para salvar almas, edificar os santos e servir a humanidade sofredora, motivado pelo amor a Deus, em nome de Jesus, sem discriminação."

Declaração Nacional de Visão:

"Um povo santo engajado na missão, que trabalha em unidade e de forma apaixonada como agente de transformação na sociedade brasileira."



Por causa da grande preocupação em atender bem, com recursos limitados, o Exército de Salvação foi premiado com o Prêmio Bem Eficiente (conferido pela Fundação Kanitz), como uma das Instituições Sociais que melhor usa os recursos financeiros arrecadados para o atendimento social.

Um pouco de nossa História

O Exército de Salvação foi fundado por William e Catherine Booth, em Londres, no ano de 1865. Sensibilizados pela extrema carência do leste de Londres e movidos pelo amor de Deus, trabalharam com dedicação para levar as boas novas do evangelho e atender os milhares de necessitados castigados pela extrema pobreza.

Inicialmente chamado "Missão Cristã", optou, em 1878, por uma estrutura organizacional semelhante à militar, quando o nome Exército de Salvação, que retrata sua batalha em favor da justiça, foi adotado. Como um "exército" e, em decorrência do latente amor às almas, a expansão foi rápida e logo outros territórios foram "conquistados". Hoje o Exército de Salvação atua em 131 países, contando com mais de 17.000 oficiais (pastores) e mais de 1.000.000 de soldados (membros) que atuam mantendo e administrando escolas, hospitais, clínicas, albergues, lares para crianças e idosos, creches e centros comunitários.

O Exército de Salvação trabalha também com equipes que atuam em emergências como: enchentes, tufões, terremotos, atendimento a refugiados de guerras, epidemias, zonas de conflito e invernos rigorosos.

Atuação do Exército de Salvação no Brasil

Em 1922 os Tenentes-Coronéis David e Stella Miche, procedentes da Suíça, desembarcaram no Rio de Janeiro e iniciaram o trabalho que rapidamente expandiu-se para São Paulo, em 1924, e depois para Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Distrito Federal e Nordeste.

Em 1974, para melhor atender à legislação brasileira, foi criada a APROSES (Assistência e Promoção Social Exército de Salvação), que é uma organização não governamental de natureza assistencial, promocional e educacional, sem fins lucrativos, mantida pelo Exército de Salvação e que atende cerca de 1.700 pessoas em situação de vulnerabilidade social por dia. Porém, o Exército de Salvação também presta assistência através de seus 41 Corpos (igrejas) com visitas a hospitais, presídios e asilos.



EDITORIAL



FÉ. Eis uma pequena, porém, desafiadora palavra. Como transformar nossos conceitos sobre fé em atitudes de fé? Como manter a fé em tempos de crise? Como exercê-la quando tudo parece não estar indo tão bem?

Em tempos de pandemia a humanidade precisa manter viva a esperança de que Deus permanece no controle de toda e qualquer situação. Sabemos que a situação é bastante grave e inspira muitos cuidados, mas vivemos tempos onde manter a fé é essencial. Nossa confiança precisa estar firmada nAquele que tem poder para mudar este quadro lamentável.

A nossa fé precisa ser forte o suficiente para que possamos nos manter confiantes e ajudar outros a perseverar nestes tempos tão difíceis. Confiar em Deus não significa que deixaremos de fazer a nossa parte; confiar em Deus não quer dizer que precisamos, necessariamente, agir com desprezo às recomendações das autoridades de saúde. Não! Viver pela fé é crer que Deus é soberano e dá sabedoria à humanidade na busca de uma solução para este mal, que tem vitimado muitas pessoas, enlutado tantas outras e provocado intenso sofrimento.

A fé precisa ser mantida em todas as ocasiões, não somente em tempos de crise. Quem está acostumado à fé, sabe enfrentar os problemas quando eles chegam porque vivem um contexto de fé no seu cotidiano.

A proposta desta edição é encorajar nossos leitores a confiar em Deus, certos de que Ele domina todas as coisas e está no controle absoluto de tudo, inclusive desta pandemia. Mesmo quando parecer que Ele está em silêncio, confie. Deus não desamparou a humanidade, mas Seu amor nos alcança em todas as circunstâncias. Creia.

Deus os abençoe.



Cristiano Araújo - Major Editor

SUMÁRIO



04

CORONAVÍRUS
Coronavírus: Um
Mundo Assustado
Precisa de
uma Igreja Corajosa



06

QUESTÕES
CONTEMPORÂNEAS
"Minha Paróquia
é o Mundo"



08

DESAFIO
Entre o Medo e Fé



10

CONEXÃO
Intolerância do
Intolerante: A tal
Liberdade de Escolha



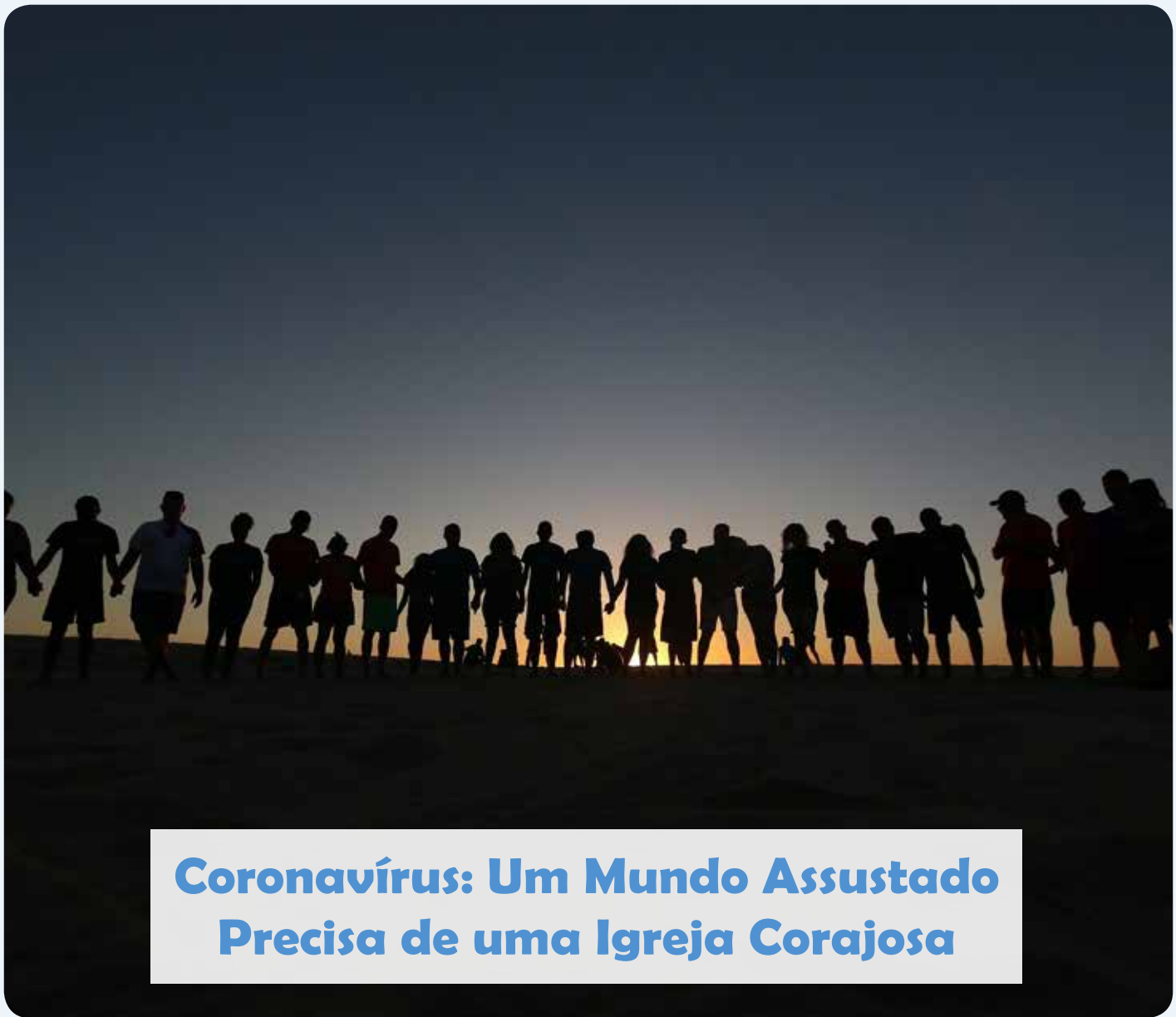
12

RUMO KIDS
Conversando na
Presença de Deus



14

KAIRÓS
Coronavírus: Não é
Tempo de Caos,
é Tempo de Kairós



Coronavírus: Um Mundo Assustado Precisa de uma Igreja Corajosa

"Como vocês querem que os outros lhes façam, façam também vocês a eles"
(Lucas 6:31).

"Portanto, enquanto temos oportunidade, façamos o bem a todos, especialmente aos da família da fé".
(Gálatas 6:10).

Estes dias recebi, em um grupo do qual faço parte, o seguinte recado do pastor e amigo Ziel Machado: *"Estamos enfrentando uma dupla epidemia, a do vírus e a do pânico. As bases de uma nova etiqueta social vão requerer uma 'nova ética social'. Ela vai precisar responder à pergunta: 'Sou eu o guardador do meu irmão?' Voltemos às Escrituras em busca dos fundamentos de uma ética da responsabilidade, de uma ética solidária".*

A epidemia e os cristãos

Das Escrituras para a história, o outro livro onde Deus desfila os seus atos redentores, encontramos os cristãos enfrentando grandes epidemias ao longo do

tempo. Para ficar apenas em um exemplo, por volta do ano 180 d.C., uma epidemia de varíola varreu o império romano; essa doença altamente contagiosa e letal atingiu também o imperador Marco Aurélio, que veio a falecer. O pânico e a desesperança tomaram conta do império. As famílias deixavam para trás os seus e tentavam escapar das regiões mais atingidas. Os cristãos, em sua grande maioria, mais acostumados ao sofrimento do que os pagãos, que não podiam enxergar nenhum propósito ou proveito na dor e na adversidade, ficaram para cuidar dos seus e também dos seus "inimigos". Na ocasião, crucificaram a sua vida com Cristo em sua dor e alienação e se fizeram

presentes em meio a dor, a morte e a absurdidade da vida. Os cristãos viram naquela epidemia uma oportunidade para testemunhar o amor de Cristo, amar o próximo e servir a todos.

Coragem e oração

Em dias de Covid-19 (coronavírus), apesar de todo o avanço civilizatório e científico, pelo qual somos imensamente gratos a Deus, ainda permanece a ocasião para que os cristãos testemunhem do amor de Cristo e das maneiras mais variadas. Podemos partir do pensamento de A.W. Tozer: *"Um mundo assustado precisa de uma igreja corajosa"*. Essa coragem de que o mundo precisa começa com a demonstração de nossa confiança de que, não obstante os sofrimentos e os dramas reais que atingem todas as esferas da vida, da dor pessoal e intransferível à quebra e ao caos dos sistemas produtivos e financeiros que atingem a todos, Deus está no controle absoluto. Continuamos confiando que há um propósito bendito do Senhor nessa pandemia e ainda que a nossa mente jamais possa alcançar, o fato não muda de que a vontade dEle é sempre boa, santa e perfeita. Nossa confiança também pode ser traduzida por nossas orações insistentes, buscando de Deus a solução definitiva para essa pandemia.

Cremos que o Senhor age pelos meios ordinários, por isso pedimos que Ele derrame graça e bênção sobre os cientistas, os grandes laboratórios, a alta academia para que o conhecimento sobre esse novo vírus leve a produção de uma nova vacina e tratamentos eficazes.

Oramos pedindo a Deus que dê lucidez aos governantes e aos governos. Oramos para que as autoridades não sejam levianas em suas declarações e muito menos alarmistas em suas decisões. Que os nossos líderes nos tragam paz e serenidade para enfrentarmos com sensatez a tormenta. Oramos ainda, apelando para que a inteligência e o bom senso levem a todos a tomarem os devidos cuidados de higienização e profilaxia e que o cuidado e a proteção do assim chamado grupo de risco sejam assegurados por todos.

Cremos também que o Senhor age de maneira extraordinária, por isso também pedimos que Ele extermine essa pandemia com o seu poder invencível e que cure os enfermos com a sua graça indestrutível. Oramos para que Ele arrefeça e mesmo aniquile os intentos dos especuladores e aproveitadores que enxergam na desgraça alheia um meio de enriquecerem cada vez mais. Que o Senhor derrame sobre os corações um espírito de solidariedade, humanidade e altíssimo apreço pela sacralidade da vida.



Agir com Graça e bem informados

Concretamente, como devemos agir em nosso contexto próximo? Primeiro, levar sempre à sério as orientações de nossas autoridades sanitárias. Segundo, evitar a todo o custo a disseminação de "fake News" de teorias conspiratórias ou que possam levar as pessoas a pensar que essa é uma situação exagerada pela mídia. Terceiro, evitar fazer aquilo que pode ser evitado e procurar realizar as suas atividades só quando imprescindível. Quarto, não se deixar tomar pelo histerismo e pânico comuns nesses eventos. Manter-se informado e procurar tocar a vida com naturalidade e se forçado à quarentena ou isolamento, encarar com a mesma naturalidade do cumprimento de uma agenda ou de compromisso rotineiro. Há ainda uma outra maneira: quem sabe você possa se voluntariar para fazer as compras, pagar contas, colocar o lixo para fora e prestar algum auxílio àquelas pessoas do grupo de risco cuja recomendação é ficar em casa? Sempre há uma maneira graciosa e criativa de se mostrar o amor cristão.

Por fim, nosso melhor antídoto contra todas as pandemias da história sempre foi e sempre será a confiante e descansada confiança em Deus por meio da oração. Uma nova ética começa com um novo espírito de oração que deseja tocar concretamente a vida do irmão.

Por Luiz Fernando dos Santos

Publicado originalmente na

Ultimato Online de 18 de março de 2020

<https://www.ultimato.com.br/conteudo/coronavirus-um-mundo-assustado-precisa-de-uma-igreja-corajosa>

QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

A sociedade do século 21 traz desafios que as gerações passadas nem imaginaram ou somente tiveram intuição embrionária: o impacto da internet nas comunicações, na escola e na educação; a influência decisiva das mídias sociais na eleição e queda de líderes políticos, religiosos, empresariais; a incapacidade do mercado de absorver formalmente toda a mão de obra disponível; o desenvolvimento sustentável, a ecologia e a salvação do planeta... Nesta série de artigos, o Major Maruilson Souza convida os leitores à reflexão, ao engajamento e à busca conjunta de soluções.



“Minha Paroquia é o Mundo” E meus paroquianos são religiosamente esquisitos

Introdução

É inverno. Está frio e chove lá fora. Nos últimos tempos, minha “paroquia” tem sido “o mundo” e meus paroquianos, na sua maioria, estão em situação de rua: Vivem em praças, debaixo de pontes e em marquises de lojas. Os mais afortunados têm um barraco de papelão. São homens, mulheres, crianças e até idosos. Alguns são usuários de drogas; outros consomem álcool diariamente; outros, o que ganham é insuficiente para pagar aluguel; e ainda outros podem ser considerados desalentados: simplesmente desistiram da vida, dos sonhos. Não mais alimentam expectativas. Muitos, são filhos de crentes. Outros, quando crianças ou adolescentes, até “se converteram” e frequentaram igrejas. No entanto, os embates da vida, as frustrações,

o sentimento de inadequação e de rejeição contribuíram para que viessem a estar na situação atual. Fato é, não há um só motivo que possa justificar a condição subumana que vivem.

Os meus Paroquianos

Faz frio. Chove lá fora. De dentro de casa, ouço os trovões e, mesmo com tudo estando fechado, vejo os clarões dos relâmpagos, que me assustam e me fazem sentir medo. Penso nos meus paroquianos: sem teto, sem cobertores e, geralmente, sem agasalhados adequados. Sem ninguém por eles e, às vezes, nem eles mesmos são por eles. Onde estarão agora? Conseguirão se abrigar em algum lugar para passar à noite? Como estará a Erica, que no início da noite

tossia muito? E o Paulo, que sentia dor de cabeça? E Joaquim, que preferiu dormir a receber a marmita com o jantar? E Marta, que disse estar sentindo frio nos pés? Penso no “seu” João e na dona Maria, já idosos, vivendo debaixo da ponte e da benção que ela invocou sobre mim ao receber um cobertor: “O Senhor te proteja e ilumine os seus caminhos”.

A Fé dos meus Paroquianos

Chove lá fora. O termômetro indica que a temperatura está 14 graus Celsius. Olho na internet e a previsão é que, na madrugada, chegue a 8 graus. Busco mais um cobertor para me aquecer e ponho o computador no colo para continuar escrevendo. Simplesmente não consigo parar de pensar nos meus paroquianos e paroquianas. É verdade, não conheço todos eles pelo nome, mas reconheceria cada um deles nas ruas ou no meio da multidão. Alguns até já sei quando estão mentindo e como reagem a determinadas situações. Outros têm uma inteligência acima da média e fazem análises sociológicas sobre o governo e a realidade que deixaria qualquer sociólogo boquiaberto. Uns mostram-se revoltados com a família, com a vida e com a sociedade. A maioria deles não vai à igreja. Há até uns poucos que não escondem a decepção e a revolta com Deus. Mas, é interessante que hoje os ouvi cantarolando “*andá com fé eu vou/ Que a fé não costuma faiá/ Andá com fé eu vou/ Que a fé não costuma faiá/ Que a fé tá na mulher/...tá Num pedaço de pão/... tá na luz, na escuridão/ A fé tá na manhã/ A fé tá no anoitecer/ Afé tá viva e sã/... Afé vai onde quer que eu vá/ Mesmo a quem não tem fé/ A fé costuma acompanhar (...)*”. Assim são meus paroquianos e paroquianas. Nem sempre expressam a fé de maneira tradicional, religiosa. Mas, consigo percebê-la na gratidão, no sorriso e até num “Deus te abençoe”.

Meus Paroquianos me Fazem Pensar no Mundo como “Minha Paroquia”

Penso nos meus paroquianos e paroquianas, em como eles têm contribuído para me humanizar, bem como para ampliar o meu conceito de paroquia, que no início se limitava a uma congregação com uma comunidade de classe média, composta por homens, mulheres, crianças e famílias estruturadas. Mas, não tão de repente, percebo que minha paroquia é mais ampla, é a comunidade ao redor, é o bairro, a cidade: “Minha paroquia é o mundo” (John Wesley), com todas as implicações que isso significa. “Minha paroquia é o mundo” e nela há gordos, magros e esqueléticos; há negros e asiáticos; há héteros, mas também homossexuais; há alcoólatras, drogados, assim como gente abstinência e que não suporta o odor de cigarro; há trabalhadores e desalentados; gente inteligente e gente bronca; gente que confia em Deus e gente que desconfia de todo mundo; há gente que apesar da

situação em que vivem, continuam afirmando sua fé e outras que a ela se mostram indiferentes. “Minha paroquia é o mundo”.

Meus Paroquianos Reavivam em mim a “Chama” da Vocação.

Não posso negar: meus paroquianos e paroquianas são religiosamente diversos, quando não esquisitos. Muitos vivem no lixo, do lixo e não poucas vezes são tratados como lixo. Mesmo assim, cada um, do seu jeito reaviva a “chama” da vocação que nasceu em mim na adolescência e me fazem recordar das promessas que fiz no dia da minha ordenação de “*cuidar dos destituídos, alimentar o faminto, vestir o nu, amar aquele que não é amado e ser amigo daqueles que não tem amigos*”. Com isso, percebo que 33 anos depois ainda soa em meus ouvidos as palavras de Jesus: “Não fostes vós que me escolhestes, pelo contrário, fui eu que vos escolhi” (João 15.16) para doares a vida ao próximo, para o bem do povo de Deus e de toda a humanidade. É interessante, era eu que devia acolhê-los e animá-los, no entanto, são meus paroquianos e paroquianas que confirmam minha vocação e me estimulam a continuar na caminhada.

Conclusão

Não, não sou ingênuo nem romantizo a vocação. Tampouco a situação desumana em que vivem. Imagino que depois de mais de três décadas, já superei essas fases. Contudo, redescobrir a ideia de Wesley do mundo “como minha paroquia” me traz um sentimento mais maduro para essa etapa da jornada. Amplia meus horizontes, alarga o ministério, me humaniza e me força a diferenciar religiosidade de espiritualidade. Admito, meus paroquianos tem pouca ou nenhuma religiosidade, mas muita espiritualidade. Todavia, tenho encontrado nas igrejas pessoas muito religiosas, porém de pouca espiritualidade. Sim, “minha paroquia é o mundo” e não posso negar que meus paroquianos e paroquianas são religiosamente incomuns, estrambóticos, estranhos e esquisitos.



Maruilson Souza, Ph.D
Secretário Nacional de Educação e Programas
Coordenador do 3º. Simpósio Brasileiro
de Justiça Social



Entre o Medo e Fé

Texto Bíblico: Evangelho de Marcos, Capítulo 4

“Devo minha vida a Cristo e ao evangelho. Minha maneira de expressar minha gratidão é testemunhar a minha fé por meio da representação de cenas bíblicas”.

Essas são as palavras de quem possivelmente foi o artista cristão mais importante do Japão, Sadao Watanabe (1913-1996) [...]. Através de seu interesse em preservar a tradicional arte popular japonesa, suas obras são um belo testemunho de sua fé, agora expostas em museus importantes ao redor do mundo. Antes da fama, porém, que só veio após a sua morte, sua paixão era fazer de tudo para que alguns, em especial a gente de sua própria terra e cultura, pudessem chegar de alguma maneira à fé e à salvação.

Uma cena que ele pintou várias vezes é a representação de Cristo no barco com seus discípulos, em meio à tempestade. Nessa narrativa, depois de muito ensinar em parábolas e cansados ao final do dia, Jesus e os discípulos decidem subir a um barco em direção ao outro lado do lago, no mar da Galileia.

Quatro deles eram pescadores, sendo que Tiago e João eram experientes em manejar barcos nesse lago. Jesus, cansado, dorme no que parece ser o assento do

capitão. Então uma terrível tempestade lhes alcança. Ventos fortes, ondas altas, água no barco. Tudo indica que eles tentam resolver a situação com suas próprias forças e recursos.

Junto a esse esforço, também a aflição: Por que Jesus está ‘ausente’? Por que Ele não controla a situação? Por que está em silêncio? Por que dorme? Ele não se importa que morramos? Medo da morte, mas talvez um medo ainda mais profundo de que Jesus não se importasse ou não se interessasse por eles.

Em seguida Jesus demonstra poder sobre as forças da natureza. Ele não tira a água do barco nem busca acalmá-los. Ele atua – na visão dos discípulos – aparentemente tarde, para mudar a situação. Logo vem sua dura pergunta: ‘Por que têm medo? Ainda não têm fé?’.

Uma observação: o oposto da fé aqui não é a dúvida, mas o medo. Claro que a dúvida e o medo muitas vezes estão conectados. Mas a dúvida usualmente é mais racional, demanda uma evidência, uma prova. O medo por vezes é irracional, nem se explica. O medo também costuma nos paralisar, nos impede de conseguir ver com clareza, engessa e dificulta que nos movamos em direção à saída de qualquer situação.

Aqui Jesus os confrontou por causa de seu medo.

Curiosamente, eles continuaram com o mesmo sentimento, mas agora com medo (ou, na melhor das hipóteses, um temor reverente) de Jesus. A passagem termina com um fascinante ‘que homem é este?’ Para responder a essa pergunta, talvez seja importante examinar os relatos que aparecem na seção imediatamente anterior: em como ouvimos ou percebemos a Jesus.

Vemos que Jesus diz muitas coisas antes do episódio do barco na tormenta. Ele usava parábolas para ensinar, enfatizando o “escutem!” e também repetia que “se vocês têm ouvidos para ouvir, então ouçam”. Quando a multidão foi embora, as pessoas que ficaram ali começaram, junto com os doze discípulos, a lhe fazer perguntas sobre as parábolas. Foi quando Jesus revelou que a atitude curiosa e instigadora de seguir perguntando estava relacionada com o entendimento das verdades do Reino. Concluiu que somos responsáveis com tudo o que ouvimos e recebemos de Deus.

O ouvir e o entendimento só vem com interesse, com compromisso, através do relacionar-se e do confiar naquele que nos fala. Lesslie Newbigin já nos recordava como isso é essencial à nossa fé: receber com confiança aquilo que nos é dado com autoridade. Somente os interessados, os que buscam, apenas esses que entram em uma relação pessoal com o Senhor, de busca, de interesse em suas palavras, no que Ele tem para nos dizer, e dispostos a colocar isso em prática (a lamparina que cumpre o seu uso, o seu propósito), são esses os que entenderão, que melhor captarão as verdades do Reino.

Parece que faltou aos discípulos no barco entender e relacionar-se com o que fala, mas parece estar em silêncio, como nas muitas ilustrações do Cristo Pantocrator, talvez a mais antiga representação de Cristo na história da igreja cristã, o soberano e severo, com uma mão estendida para abençoar e com a Palavra na outra. Algo tão especial e profundo que merece outra reflexão em momento oportuno.

Por agora, no meio das tormentas de nosso próprio tempo, quando às vezes parece que Jesus está dormindo, em silêncio, ou quando inclusive parece não se importar, me impacta esse desafio que é a pergunta sobre como crescemos e amadurecemos em nossa fé.

Volto então a Sadao Watanabe, com seu desejo de testemunhar de sua fé através da arte, e me pergunto como daremos testemunho de nossa fé em Cristo hoje, em meio a qualquer tempestade. Algumas pistas que encontro são as de:

“Junto a esse esforço, também a aflição: Por que Jesus está ‘ausente’? Por que Ele não controla a situação? Por que está em silêncio? Por que dorme? Ele não se importa que morramos? Medo da morte, mas talvez um medo ainda mais profundo de que Jesus não se importasse ou não se interessasse por eles.”

- Valorizar e trazer para a nossa vida diária o que Ele já nos falou em sua Palavra.

- Reconhecer que Ele não está calado, pois já se revelou.

- Estar dispostos a escutar, o que também significa obedecer.

- Confiar nAquele que é Todo-Poderoso, que a tudo rege na história.

- Descobrir e relacionar-me com Jesus na Sua Palavra revelada e já entregue à nós.

Só assim sairemos do medo para a fé, da fé para a vida.

Ricardo Wesley Morais Borges
Publicado originalmente em Ultimato Online -
24 de novembro de 2016.

Disponível em <<https://www.ultimato.com.br/conteudo/entre-o-medo-e-a-fe>>



Intolerância do Intolerante: A tal Liberdade de Escolha

Podemos pensar como é bom, termos o direito de escolha, o direito de ir e vir, o direito de ser, e é fundamental lembrar que tais direitos são assegurados na legislação brasileira. Isso é necessário para que cada um possa respeitar o direito de escolha do outro, independente se concordo ou não com a escolha.

Esse deveria ser o princípio do respeito na escolha da crença religiosa de cada um. Infelizmente no Brasil tem crescido os casos de intolerância religiosa, que é uma forma de preconceito e violência por conta da religião.

É importante destacar que a intolerância religiosa, é o ato de discriminar e ofender religiões, ou discriminar e ofender chegando muitas vezes ao ponto de agredir pessoas em razão de suas crenças e práticas religiosas.

Foi criado em 2007, o dia Nacional para o combate a este crime – 21 de janeiro. Sim a Intolerância Religiosa é um crime, encaixando-se como crime de ódio,

quando o alvo não é a vítima em si mais sim o grupo ao qual ela pertence. Assim o que se busca atingir não é a pessoa, mas a religião que ela representa.

Essa data traz à memória o falecimento da Iyalorixá Mãe Gilda, do terreiro Axé Abassá de Ogum (BA), vítima de intolerância por ser praticante de religião de matriz africana. Ela foi acusada de charlatanismo e sua casa foi atacada por praticantes de outras religiões. Infelizmente em 21 de janeiro de 2000 ela não resistiu a um infarto, causado por esses ataques e faleceu.

O art.5º, Inciso VI, da Constituição federal estabelece que “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de cultos e de suas liturgias.”

Já a Lei nº 7.716/89, estabelece punição aos crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Dados do Disque 100 - número de telefone do governo

criado em 2011, que funciona 24 horas por dia para receber denúncias de violações de direitos humanos, demonstram que em 2019, houve um aumento de 56% no número de denúncias de Intolerância Religiosa, mas os números podem ser maiores, considerando que podem haver subnotificações já que muitos podem sofrer a violência e não efetivarem a denúncia, por medo. Os casos apontam que a maioria das vítimas de intolerância é de religiões de matriz africana, cujas estatísticas como alvos de intolerância religiosa, tem se acentuado a cada ano.

O Brasil é considerado um Estado Laico desde 1890, a partir do decreto 119-A de 07 de janeiro de 1890:

"É proibido a autoridade federal, assim como a dos Estados federados, expedir leis, regulamentos ou atos administrativos, estabelecendo alguma religião, ou vedando-a, e criar diferenças entre os habitantes do país, ou nos serviços sustentados à custa do orçamento, por motivos de crenças, ou opiniões filosóficas, ou religiosas" (DECRETO 119-A, 1890).

O Estado Laico significa a separação entre Estado e Igreja, assim os interesses religiosos não podem interferir nas decisões governamentais, e o Estado deve garantir a liberdade religiosa aos seus cidadãos.

Dessa forma, o país não prioriza uma religião em detrimento da outra, ou seja, independentemente de suas escolhas religiosas, as pessoas são tratadas de forma igual.

Para além da legislação, deveria vir o sentimento de empatia, onde é possível colocar-se no lugar do outro e melhor entender como seria ser ofendido, agredido, menosprezado e diminuído perante as pessoas, por

escolher uma crença que diverge de alguém que entenda que somente sua fé deva ser respeitada e a dos outros não.

É necessário cada vez mais nos engajarmos e defendermos uma convivência respeitosa, com todas as pessoas, independente de sua fé e suas escolhas religiosas.

Como cristãos devemos sim nos posicionar e manter vivo o compromisso de lutar em favor da justiça e da paz, apoiando os mais vulneráveis e nos posicionando contrários a toda e qualquer forma de violência.

Todos temos a liberdade de escolha, que possamos escolher a melhor forma de viver e conviver, sem esquecer de "amar ao próximo como a nós mesmos", forma infalível de enxergarmos a humanidade em todos e não só em nós mesmos.



Milka Santos
Secretária Nacional da Obra Social

Sites consultados - Referências:
<https://www.brasildefato.com.br/2020/01/21/denuncias-de-intolerancia-religiosa-aumentaram-56-no-brasil-em-2019/> - Acesso em 10/06/20 às 20h42

<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/religiao/estado-laico> - Acesso em 26/06/20 às 11h47





Conversando na Presença de Deus!

A televisão estava ligada, sintonizada no jornal da noite, que acabara de começar. A primeira manchete foi sobre o Coronavírus: números de infectados, mortos ou recuperados; orientações diversas e mais avisos para que a população fique em casa, tomando sempre cuidado com a higienização. Não podendo ficar em casa, que se use máscara o tempo todo, além de sempre passar álcool gel nas mãos antes de entrar em estabelecimentos. Além disso, a próxima informação indicava que em alguns Estados bandeiras de cor preta, vermelha, amarela foram criadas para indicar locais ou regiões onde há risco de ser infectado pelo vírus. Falaram também de “lockdown” e perda de empregos, etc...

Quer saber mais sobre as outras informações do telejornal? Falta de leitos de UTIs em hospitais, compra ilegais de equipamentos hospitalares, superfaturamento, corrupção... enfim.

Ah, não! Protestou o pai! Assim não dá! Levantou-se indignado da cadeira e desligou a TV!

Sinceramente – disse a mãe – já estou cansada de ouvir tudo isso! Nós estamos deixando que essas notícias nos abalem de um jeito que podemos correr o risco de perder a fé em Deus e tornando-nos reféns do medo.

Então é para já, disse o pai!

- Hora da devocional meus filhos, venham!

- Ah, agora? Disse Janaína. Na hora que vai começar meu programa favorito?

- Claro que sim, é agora! Reiterou o pai! Não há nada mais importante do que termos um momento em família ou a sós para falarmos com Deus.

Então, Luís, o pai; Sabrina, a mãe; Janaína, Raíssa e Fabrício, os filhos reuniram-se na sala.

Fabrício veio com o celular na mão e...

- Fabrício, faça o favor de deixar o celular em seu quarto.

- Mas pai...

- Assim como falei a sua irmã, não há nada mais importante do que esse momento em família.

- Mas, geralmente, nós fazemos a devocional depois do almoço, disse Janaína.

- Sim eu sei, mas diante do que sua mãe nos disse, sobre a forma como essas notícias estão nos afetando, precisamos – nesse momento – parar o que estamos fazendo e buscar a presença de Deus.

Não podemos ficar reféns do medo como disse a mamãe! Nós temos que nos abrigar nos braços fortes do nosso Deus.

Portanto, vamos abrir as nossas Bíblias e lermos

versículos que possam acalmar nossos corações e fortalecer a nossa fé em Deus, Aquele que tudo sabe, vê, cuja presença é sempre atuante... Podemos, depois de cada leitura, comentar algo que ela nos traz.

- Certo?

- Certo, responderam todos.

Falando em Fé: *"Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não veem"* (Hebreus 11:1).

Mãe: Sim, fé é o firme fundamento! Nós não estamos, em pé, em uma areia movediça. Nós estamos firmes em Cristo Jesus que é o firme fundamento e esperamos nEle a nossa redenção.

No momento não conseguimos enxergar uma forma de minimizar ou acabar os efeitos desta doença de nosso meio, mas temos certeza que o Senhor tem, em meio a isso tudo, um plano para o Seu povo. Talvez não conseguimos ver isso agora, mas tenho certeza de que há e este plano é real!

-Outro versículo? Alguém tem? Perguntou o pai.

- Eu tenho, falou Fabrício!

"Darei do Senhor: Ele é o meu Deus, o meu refúgio, a minha fortaleza, e nele confiarei" (Salmo 91:2).

As pessoas andam muito confusas! Há muita informação desencontrada, relatou Fabrício, e as pessoas não sabem mais o que fazer, por isso, eu encontro nesse versículo algo que me conforta.

Vou confiar no Senhor para que cuide de mim, da minha família e de quem mais precisar. Não posso ficar paranoico!

- Agora o meu, disse Janaína!

"E se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra" (2º Crônicas 7:14)

Nunca pensei que diria isso, mas precisamos deixar de gostar mais das coisas do "mundo" e dar mais tempo para Deus e, realmente, sermos mais submissos a Ele, submetendo-nos à Sua bondosa vontade. E Ele só fará coisas boas para nós!

-É isso aí, disse o pai! Gostei de ouvir e ver!



Raíssa, de cinco anos, disse: - posso falar o meu, papai! Aquele que eu sempre digo?

- Sim, querida!

"O Senhor é o meu pastor e nada me faltará" (Salmo 23: 1).

- Isso meu amor! Disse tudo! A mãe alegrou-se, abraçando, em seguida, a pequena.

Agora o meu, falou o pai:

"Busquei ao Senhor, e ele me respondeu; livrou-me de todos os meus temores" (Salmos 34:4) .

- Eu glorifico ao Senhor porque é isso que está acontecendo agora comigo e com cada um de nós – continuou o pai.

Queridos (as) amiguinhos (as),

Eu termino essa história com o corinho que diz assim:

*"Rios profundos e altas montanhas,
Em tua frente caminho não há?
Conta com Deus e verás maravilhas!
O impossível para ti, Deus fará".*

Com carinho,

Tia Lillian

Coronavírus: Não é Tempo de Caos, é Tempo de Kairós

Estou convencido de que o tempo do corona é tempo de kairós. Não, não é tempo de caos. É tempo de kairós! Na Bíblia, o Novo Testamento opera com duas palavras distintas para tempo: *chronos* e *kairós*.

Veja por si mesmo: se desenharmos nossa vida como uma linha do tempo, começamos com um traço da esquerda para a direita. Muito da vida é lidar com dias comuns, conviver uns com os outros. Esse é o *chronos*, o qual é medido precisamente pelo relógio, encontrando seu rumo na palavra “cronológico”.

Ocorre, porém, não muito raramente, que algo rompe o habitual, criando uma tensão, uma pequena ou grande crise. Talvez, seja por conta das circunstâncias externas e incontrolláveis; talvez, seja por conta de um desentendimento ou conflito com outros; talvez, seja por conta de algo que ameaça nossa liberdade, nossa felicidade. É fácil pensar em coisas do tipo nesses dias. Contudo, de repente, uma alegria contagiante nos toma, surpreendendo-nos de uma boa maneira.

Momentos assim que rompem com a banalidade e com a rotina são formas diferentes daquelas do *chronos*, é o tempo *kairós*. Um momento condensado, uma janela no tempo – grande ou pequena –, cheia de possibilidades, animadora e desafiadora, e isso para o bem e para o mal. Enquanto *chronos* trata de quantidade de tempo, *kairós* trata de qualidade de tempo.

Quando o momento *kairós* ocorre, podemos até tentar nos forçar a permanecer como se nada tivesse ocorrido se acreditarmos que essa é a melhor atitude ou a mais fácil. Mas, como frequentemente acontece, *kairós* nos tira dos trilhos retilineamente planejados, lança-nos para um círculo. Aqui estamos, queiramos ou não.

As questões são: vamos lidar com essa turbulência como um círculo de aprendizado, como uma ocasião para aprender mais sobre nós mesmos, para avaliar nossas ações, nossos padrões de reação, para conversar com alguém sobre o que se deu ou está se dando em nós ou ao nosso redor? Se assim for, podemos – lenta e assertivamente – esboçar um breve

plano, fazer uma escolha. Quando, mais cedo ou mais tarde, retomar os planos traçados, o que vou levar comigo de bom e de ruim? Em que medida quero que essa situação me transforme ou reforce o que tenho em mim? O que ocorre a despeito de minha vontade e no que é que eu tenho de agir ou de corrigir? A quem posso procurar para me ajudar em minhas decisões?

Por meio da reflexão a partir de questões como essas, você se dá a chance de fazer da turbulência do *kairós* um círculo de aprendizado para crescimento [...] para além de uma linha de tempo restrita.

Estou convencido de que o tempo do corona é tempo de *kairós*. Podemos lidar com essa turbulência só com medo e preocupação. Ou podemos considerar esse tempo como uma janela de oportunidades por meio da qual Deus pode agir.

Creio que o Reino de Deus se faz mais próximo em tempos de adversidade. [...] Não significa, no entanto, que Deus só trabalhe nos tempos de crise. O ponto é que nós, seres humanos, temos, justamente nesses momentos, uma sensibilidade diferente para perceber o que Ele está tentando nos dizer. Estenderemos as mãos para receber? Ousemos nos questionar: o que podemos fazer agora que pode nos levar ao crescimento e às mudanças duradouras em nossas vidas e em nosso mundo? O que, nessa turbulência do *kairós*, pode ser aprendizado para você e para mim?

Pelo menos ousar pensar nisso, só não sei até que ponto consigo compreender a extensão disso. Por essa razão, é prudente que comece comigo mesmo antes de dizer o que esse tempo há de significar em sua vida. Agora, porém, reconheço que o mais importante para voltar ao “normal” é não fingir que nada aconteceu. O mais importante para mim é aproveitar o dia e o momento *kairós* enquanto ele estiver por aqui. Afinal, o tempo do corona é *kairós*.

Por Vidar Mæland Bakke
Publicado originalmente na Revista Ultimato Online
de 25 de junho de 2020
Adaptação: Cristiano Araújo



NOSSA ARMA NESSA GUERRA É O AMOR

Doe e ajude o Exército de Salvação nessa luta.

Banco: Itaú

Agência: 1000

Conta Corrente: 62233-0

Razão Social: Exército de Salvação

CNPJ: 54.209.481/0001-79



Seja um assinante da Revista **RUMO**

Receba as 10 edições anuais diretamente em sua casa!

1. Faça o depósito na conta: Banco Itaú - Ag.1000 - Conta 23164-5
2. Envie o comprovante por e-mail: redacao@bra.salvationarmy.org ou via correio: Rua Juá, 264 - Saúde - São Paulo/SP | CEP: 04138-020 (A/C Redação).
3. Indique no e-mail ou dentro do envelope que é referente a uma assinatura da Revista RUMO e coloque o nome completo do assinante e o endereço para envio das revistas.

Valor da assinatura anual:

Brasil: R\$ 40,00 e Exterior: US\$ 35,00



Convidamos você a visitar nosso site – www.exercitodesalvacao.org.br - e conhecer melhor nosso trabalho. Para realizar uma doação, clique no botão **DOE AGORA**, faça seu cadastro e escolha a melhor forma de contribuir ou, para agilizar, leia o QR Code e faça sua doação.

Se preferir, utilize uma das contas abaixo para fazer a transferência/depósito e envie o comprovante para o endereço de e-mail rp@bra.salvationarmy.org.

Bancos:

Bradesco	Agência 1480	Conta Corrente 01638-1
Itaú	Agência 1000	Conta Corrente 60000-5
CAIXA	Agência 0255	Conta Corrente 01368-6



Você também pode doar sua nota fiscal para uma das nossas instituições cadastradas no programa:

Nota Fiscal Paulista

43.898.923/0001-15 - Bosque da Saúde - São Paulo/SP
43.898.923/0002-04 - Saúde - São Paulo/SP
43.898.923/0012-78 - Liberdade - São Paulo/SP
43.898.923/0045-36 - Vila dos Pescadores - Cubatão/SP

Nota Fiscal Gaúcha

43.898.923/0006-20 - Três Vendas - Pelotas/RS

RETIRAMOS DOAÇÕES

Doe roupas, móveis e outros objetos.



4003 - 2299

www.exercitodoacoes.org.br

Também estamos coletando doativos nas seguintes cidades:

Joinville: (47) 3453-0588

Pelotas: (53) 3273-6909

Recife: (81) 3228-4740